

## **ALMA LATINA: MÚSICA DAS AMÉRICAS SOB DOMÍNIO EUROPEU**

Rádio Cultura FM de São Paulo (103,3 MHz)

Série de 13 programas semanais idealizados e apresentados por Paulo Castagna às terças-feiras das 11:00 às 12:00 da manhã, de 6 de março a 29 de maio de 2012, como parte do projeto Idéias Musicais. Programas disponíveis para audição online e download, na página <http://paulocastagna.com/alma-latina/>

### **Programa 12/13 - Um compositor afro-brasileiro na capela real**

(apresentado em 22 de maio de 2012)



Olá amigos. No programa anterior, ouvimos um pouco da música escrita no Rio de Janeiro por Marcos Portugal, Sigismund Neukomm e Nunes Garcia, durante a regência e reinado de Dom João VI, ou seja, de 1808 a 1821.

No programa de hoje, penúltimo de Alma Latina, vamos ouvir mais algumas obras de José Maurício Nunes Garcia e conhecer um pouco mais de sua história.

Onde esse autor estudou e como conheceu a música européia de sua época? Quais foram os estilos dos quais se apropriou em suas obras e por que fez uma mudança estilística tão grande em sua vida? E como se tornou o mais celebrado compositor negro de música sacra dos séculos XVIII e XIX?

No programa de hoje: *Um compositor afro-brasileiro na capela real.*

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - Faixa 8 - <i>Abertura em Ré</i>	5'01"
---------------	--	-------

Ouvimos, de José Maurício Nunes Garcia, a *Abertura em Ré*, composição posterior a 1808, com a Orquestra Barroca do Festival de Música Antiga de Juiz de Fora, sob direção de Luís Otávio Santos.

Os pais de José Maurício foram “pardos forros”, como eram chamados na época os filhos libertos de escravos, geralmente de pais europeus e mães africanas.

Bem jovem, Nunes Garcia estudou com o músico mineiro, residente no Rio, Salvador José de Almeida Faria.

O acervo desse músico nos dá uma idéia do contato que os compositores cariocas tinham com a música do seu tempo. Ao falecer em 1799, foi elaborada uma lista das 230 obras que estavam no arquivo de Almeida Faria. Eram composições de autores italianos, portugueses e brasileiros, boa parte deles ainda vivos quando este mestre faleceu. E em meio a essas obras, estavam nada mais nada menos do que 50 sinfonias, que provavelmente repercutiram nas obras orquestrais de Nunes Garcia.

Como resultado dos estudos com Salvador José, Nunes Garcia compôs em 1783, aos 16 anos de idade, sua primeira obra cantada na catedral do Rio de Janeiro: a antífona *Tota pulchra es Maria*, destinada à *Novena de Nossa Senhora da Conceição*, cuja introdução vamos ouvir com o Vox Brasiliensis, e o soprano Viviane Casagrandi, sob direção de Ricardo Kanji.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - <i>Tota pulchra</i>	0'40"
---------------	--	-------

José Maurício ordenou-se em 1792 e tornou-se o mestre da capela da catedral do Rio de Janeiro em 1798, substituindo o padre João Lopes Ferreira. Esta já era a mais alta função musical que poderia alcançar na cidade, mas a chegada da Família Real Portuguesa em 1808, com cerca de 10 mil portugueses, mudou decisivamente sua carreira. Os novos habitantes do Rio exigiam um ambiente cultural movimentado e com a maior proximidade possível à das grandes cidades lusitanas.

O príncipe regente Dom João estabeleceu, no Rio de Janeiro, a capela real, constituída de uma orquestra e um coro, integrados por brasileiros e europeus. José Maurício foi nomeado mestre da capela real e iniciou o período mais produtivo de sua carreira.

Como resultado das novas exigências musicais, começaram a ser representadas, na cidade, óperas ao estilo italiano e cantadas muitas obras sacras com a mesma sonoridade. E em 1811 chegava ao Rio, para ocupar a função de compositor da corte, o celebrado autor lusitano Marcos Portugal.

<b>Música</b>	Marcos Portugal - <i>Le donne cambiatte</i> (Abertura)	0'49"
---------------	--	-------

Marcos Portugal, autor de muitas óperas bem sucedidas na Europa, como *Le donne cambiatte*, de 1794, cuja abertura estamos ouvindo com a City of London Sinfonia, sob direção de Álvaro Cassuto, participou dessa transformação do compositor afro-brasileiro.

Até então José Maurício estava habituado a escrever obras de uma religiosidade introspectiva, especialmente quando se deparava com o ambiente meditativo das cerimônias da Semana Santa. Era o caso do *Crux fidelis*, aqui cantado pelo Ensemble Turicum, sob direção de Luiz Alves da Silva.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - <i>Crux fidelis</i>	0'22"
---------------	--	-------

Em seu novo cargo de mestre da capela real, esse tipo de sonoridade foi praticamente ignorado. José Maurício era solicitado a escrever música para uma religiosidade bem mais extrovertida, com solos, passagens virtuosísticas e a alegria da ópera italiana.

Suas obras passaram a ter um aspecto exuberante, uso freqüente dos tímpanos e uma rítmica vigorosa, destinadas à expressão musical da nobreza e poder da corte portuguesa.

Este é o caso do Salmo 116 *Laudate Dominum*, que José Maurício escreveu em 1813, e que ouviremos com o Ensemble Turicum, sob direção de Luiz Alves da Silva e Mathias Weibel.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - <i>Laudate Dominum</i>	6'48"
	José Maurício Nunes Garcia - <i>Laudate Dominum</i>	1'08"

De José Maurício Nunes Garcia, ouvimos o Salmo *Laudate Dominum*, com o Ensemble Turicum, sob direção de Luiz Alves da Silva e Mathias Weibel.

José Maurício escreveu várias obras para a cantora lírica Joaquina Maria da Conceição Lapa, ou simplesmente Lapinha, que havia passado quase 15 anos em tourné por cidades portuguesas. Ela foi, aliás, a primeira brasileira a cantar óperas na Europa e com estrondoso sucesso. Detalhe: Lapinha era negra.

A *Gazeta de Lisboa* informava, em 1795, que “*foram gerais e muito repetidos os aplausos que expressavam a admiração que causou a firmeza e sonora flexibilidade da sua voz, reconhecida por uma das mais belas e mais próprias para [o] teatro*”. Mas o escritor Carl Ruders completava: “*Joaquina Lapinha é natural do Brasil e filha de uma mulata, por cujo motivo tem a pele bastante escura. Este inconveniente, porém, remedeia-se com cosméticos.*”

As obras que José Maurício escreveu para Lapinha refletiam o virtuosismo da ópera na música sacra. Um exemplo interessante é o da *Missa em mi bemol*, que não sabemos ao certo se contou com a participação da Lapinha, mas cujo *Laudamus* apresenta um solo vocal que ilustra o tipo de música que ela cantava.

Da *Missa em mi bemol*, de Nunes Garcia, posterior a 1808, ouviremos apenas o *Gloria in excelsis* e o *Laudamus*, com o Coro de Câmara São Paulo e a Orquestra Engenho Barroco, sob direção de Naomi Munakata. A solista do *Laudamus* será Adélia Issa.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - Missa em mi bemol ( <i>Gloria in excelsis</i> )	3'17"
	Missa em mi bemol - ( <i>Laudamus</i> )	3'04"

De José Maurício Nunes Garcia, ouvimos o *Gloria in excelsis*, e o *Laudamus* da *Missa em mi bemol*, com o Coro de Câmara São Paulo, a Orquestra Engenho Barroco e o solo de Adélia Issa, sob direção de Naomi Munakata.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - Fantasia 6ª	0'34"
---------------	--	-------

Ao lado de suas atividades como mestre da catedral e da capela real, José Maurício manteve um curso público de música em sua casa. Entre os muitos músicos que estudaram como ele está Francisco Manuel da Silva, autor do Hino Nacional Brasileiro e fundador do primeiro conservatório musical do país. A atividade didática de José Maurício o levou a escrever um método para teclado, do qual estamos ouvindo a sexta Fantasia, com Antonio Carlos de Magalhães, ao cravo.

Nunes Garcia foi referido como grande improvisador aos teclados por um outro compositor que teve muito significado em sua vida: Sigismund Neukomm.

<b>Música</b>	Sigismund Neukomm - <i>Sinfonie a Grand Orchestre</i>	0'25"
---------------	---	-------

Sigismund Neukomm, autor desta sinfonia composta no Rio de Janeiro em 1821 e interpretada pela Orquestra Barroca do Festival de Música Antiga de Juiz de Fora, sob direção de Luís Otávio Santos, havia chegado na cidade do Rio em 1816. Nesse ano provavelmente trouxe consigo uma edição do *Requiem* de Mozart.

<b>Música</b>	Mozart - <i>Requiem</i> (Dies iræ)	0'28"
---------------	------------------------------------	-------

Nunes Garcia dirigiu o Réquiem de Mozart no Rio de Janeiro em 1819, o que representou a primeira audição desse autor fora da Europa. Mas antes disso José Maurício já demonstrava grande admiração pelo compositor austríaco. Em 1816, mesmo ano em que Neukomm chegou ao Rio de Janeiro, Nunes Garcia escreveu o *Requiem* para as exéquias da Rainha Dona Maria I. E nessa obra citou dois temas do *Requiem* de Mozart. Não a composição toda, apenas dois temas.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - <i>Requiem</i> (Dies iræ)	0'33"
---------------	--	-------

Na Sequência de seu *Requiem*, cujo texto é *Dies iræ*, Nunes Garcia usou, de Mozart, o trecho correspondente às palavras *Dies iræ, dies illa*, o que totaliza oito acordes do coro.

Há um outro lugar do Réquiem no qual José Maurício citou Mozart: no *Kyrie*. Trata-se de um tema de seis notas para a frase *Kyrie eleison*. Ouçamos, inicialmente, José Maurício Nunes Garcia.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - <i>Requiem</i> (Kyrie)	0'33"
---------------	---	-------

José Maurício usou esse tema que encontrou no *Requiem* de Mozart, porém mudou as três últimas notas, cantadas com a palavra *eleison*. Esta é a versão de Mozart.

<b>Música</b>	Mozart - <i>Requiem</i> (Kyrie)	0'30"
---------------	---------------------------------	-------

Será que Nunes Garcia roubou esse tema de Mozart? Bem, isso teria sido impossível, porque esse tema nem é de Mozart, é de Haendel:

<b>Música</b>	Handel - Messiah ( <i>And with His stripes we are healed</i> )	1'01"
---------------	--	-------

Este é o coro *And with His stripes we are healed* do oratório *Messias* de Haendel, que estamos ouvindo com o Christ Church Cathedral Choir e a Academy Of Ancient Music, sob direção de Christopher Hogwood. Haendel compôs o *Messias* em 1741 e Mozart o rearranjou em 1789, a pedido do Barão Gottfried van Swieten. Maravilhado com a obra, o compositor austríaco usou o tema deste coro em seu *Requiem*, assim como usou outras composições de Haendel, de Pasquale Anfossi e de Michael Haydn nesse mesmo *Requiem*.

A citação de obras, naquela época, era vista como homenagem, e não como plágio, conceito que surgiu somente no século XX. José Maurício homenageou Mozart, Mozart homenageou Haendel e este homenageou seus antecessores como se observa retrocedendo-se na história da música.

O que estes autores queriam fazer, ao citar seus predecessores, era inserir-se em uma rede de compositores que possuíam idéias em comum, para serem auditivamente reconhecido como membros dessa mesma rede. Hoje fazemos algo parecido compartilhando imagens ou informações de amigos e de instituições que admiramos na internet. Nos séculos XVIII e XIX isso era feito citando-se temas ou trechos da música de outros compositores da rede.

Vamos ouvir, do *Requiem* de José Maurício Nunes Garcia, apenas três de seus movimentos - o *Intróito (Requiem aeternam)*, o *Kyrie* e a Sequência *Dies iræ* - com o Coro e a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob direção de Ernani Aguiar.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - <i>Requiem</i> (Introitus)	5'18"
	José Maurício Nunes Garcia - <i>Requiem</i> - (Kyrie)	1'26"
	José Maurício Nunes Garcia - <i>Requiem</i> - (Dies iræ)	6'32"

Ouvimos, do *Requiem* de José Maurício Nunes Garcia, apenas o *Intróito*, o *Kyrie* e a Sequência *Dies iræ*, com o Coro e a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob direção de Ernani Aguiar.

Apesar do significado de sua música, José Maurício Nunes Garcia ainda é mais conhecido no exterior do que no Brasil. E este é mais um dos paradoxos com os quais temos contato nesta série. Ser o único americano a dirigir uma capela real, o internacionalmente mais celebrado compositor afro-descendente de música sacra nos séculos XVIII e XIX e o primeiro compositor brasileiro conhecido na Europa, não foi o bastante para sua música contar com maior familiaridade no Brasil.

Talvez nos ajude nessa tarefa um pequeno contato com a última grande composição de José Maurício: a *Missa* escrita em 1826 para a confraria de Santa Cecília, uma espécie de sindicato dos músicos daquela época. Essa Missa, de quase duas horas de duração, possui uma formação orquestral quase romântica, e nos ajuda a conhecer um pouco da sonoridade que chegou a ser produzida no Rio de Janeiro, na década da Independência.

<b>Música</b>	José Maurício Nunes Garcia - <i>Missã de Santa Cecília</i> ( <i>Gloria in excelsis</i> )	1'50"
---------------	---	-------

De José Maurício Nunes Garcia, ouvimos a introdução do *Gloria* da *Missã de Santa Cecília*, em uma histórica gravação de 1959, com a Associação de Canto Coral e a orquestra Sinfônica Brasileira, sob direção de Edoardo de Guarnieri.

Nunes Garcia, juntamente com centenas de outros compositores afro-americanos dos séculos XVIII e XIX, conquistou uma posição social que teria sido rara em outros lugares do mundo. Os músicos miscigenados da América Latina praticaram, pela arte, um igualitarismo social que nos Estados Unidos e na África do Sul foi conquistado pela comunidade negra apenas na segunda metade do século XX, com os famosos movimentos dos Direitos Civis e da derrubada das leis de Apartheid.

E lembremos que, apesar de um certo “branqueamento” da história do país, que ocorreu no século XX, vários artistas e intelectuais brasileiros nascidos no passado foram descendentes de indígenas ou africanos, como Carlos Gomes, Machado de Assis, Cândido Rondon, Mário de Andrade e muitos outros.

Nesse sentido, a vida multi-étnica das Américas há 500 anos tem se revelado mais pacífica do que a formação de nações para uma única etnia. José Maurício Nunes Garcia integrou esse processo com seu *Requiem*. E Mozart teria se orgulhado mais em participar da construção da paz na América miscigenada, do que na promoção da guerra no continente onde nasceu.

Conhecer melhor essa história pode nos ajudar a mudar nossa relação com o passado e a construir um futuro diferente. É o que faremos no próximo programa, ouvindo um pouco mais de música das Américas sob domínio europeu.

No programa seguinte, o último de *Alma Latina*: *Nos teatros e salões do Brasil português*.

Eu sou Paulo Castagna e volto na próxima semana com mais um *Alma Latina*, programa da série Idéias Musicais. Este programa teve a produção de Ralf Schwarz e trabalhos técnicos de Almir Amador. Boa semana e até lá.

<b>VINHETA DE ENCERRAMENTO</b>
--------------------------------